



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Horácio Nunes

Um cacho de mortes



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Um cacho de mortes

Horácio Nunes

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1898.

Livro Digital nº 607 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Horácio Nunes Pires

(1855 – 1919)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

UM CACHO DE MORTES

COMÉDIA CRÍTICA EM UM ATO



PERSONAGENS:

GERTRUDES (40 anos)
LUCRÉCIA (24 anos)
FERNANDO (25 anos)
CÉSAR (30 anos)
SALOMÃO (50 anos)
AUTOR (40 anos)
PONTO (24 anos)
CONTRARREGRA (25 anos)
AGUADEIRO (preto, 35 anos)

Esta comédia é uma ligeira crítica aos dramalhões em que o punhal e o revólver horrorizam o público. Em tais dramalhões, os autores escolhem títulos assustadores para os atos, assim como: "O envenenamento", "O assassinato", "O enforcado", e outros semelhantes. Nós escolhemos para as cenas desta comédia os seguintes modestos e suavíssimos títulos para assustar crianças.

ATO ÚNICO

Sala pequena. Duas portas ao fundo. Porta à esquerda. Janela à direita. À direita, uma mesa. Sobre a mesa, um castiçal com vela acesa. Poucas cadeiras simples.

CENA I

A SUSPEITA!

FERNANDO (sentado, com os cotovelos apoiados sobre a mesa e o rosto oculto nas mãos. Momento de silêncio. Levanta vagarosamente a cabeça e percorre a cena com a vista. De repente dá um murro sobre a mesa e levanta-se hirto. Sombrio e com voz soturna)

Há bastante tempo, uma terrível desconfiança me rasga o coração!... Quantas noites tenho passado em vigília, pensando nisto!... (*Dando um passo, tragicamente*) Ah! se eu descobro que ela me engana... com que feroz alegria a matarei!... com que requintes de perversidade vê-la-ei estorcer-se a meus pés, com os olhos esbugalhados, com a língua um metro fora da boca!... (*Pausa*) Preciso verificar quanto antes se são fundadas as minhas suspeitas... (*Vendo entrar Lucrecia da esquerda, à parte*) Ei-la... Dissimulemos.

CENA II

DISSIMULANDO!

Fernando, Lucrecia.

LUCRÉCIA

Vais sair?

FERNANDO (*desconfiado*)

Tens, por acaso, a pretensão de adivinhar? Por que perguntas isso?

LUCRÉCIA

Se estás com o chapéu na cabeça!

FERNANDO (*à parte, levando a mão ao chapéu*)

E eu que já não me lembrava! (*Alto, incomodado*) É boa! Querias, talvez, que pusesse o chapéu nos pés!... Vou dar um passeio, sim.

LUCRÉCIA

Por que não vais jogar uma partida de bilhar?

FERNANDO (*à parte*)

Quer afastar-me, a hipócrita! (*Alto*) É verdade: lembraste bem. Vou jogar uma partida. Até logo, Lucrecia. (*Sobe*)

LUCRÉCIA (*sentando-se*)

A que horas voltas?

FERNANDO (*à parte*)

Quer saber a hora! (*Alto*) Não voltarei antes das onze ou meia-noite.

LUCRÉCIA

Mas toma cuidado. Em vez de ires para o bilhar, não vás te meter por aí...

FERNANDO (*à parte*)

Espera, que eu te ensino. (*Alto*) Até logo, Lucrecinha. (*Sai*)

CENA III

O SINAL!

LUCRÉCIA (*levantando-se*)

Graças a Deus, saiu. Agora, façamos o sinal. (*Vai à janela e agita o lenço*) Com que ansiedade o meu César espera este sinal!... (*Continua os sinais*)

CENA IV

DEBAIXO DA CAMA!

Lucrecia, Fernando.

FERNANDO (*sutilmente aparecendo ao fundo*)

Vou esconder-me debaixo da cama... (*Sai pela esquerda*)

CENA V

A PECADORA!

LUCRÉCIA (*agitando o lenço*)

Vem, meu querido César... Há dois dias que não te vejo, e morro de saudades... (*Descendo*) Meu Deus! Como eu amo o César, e como o César me ama! Se a gente adivinhasse, eu não teria certamente casado com o lorpa do Fernando... Um tolo, que não serve para

nada! E no entretanto, quem o vir com as suas valentias de mata mouros há de pensar que aquilo é um homem!...

CENA VI

O AMANTE!

Lucrécia, César.

CÉSAR (*ao fundo*)

Lucrécia, Lucrécia!

LUCRÉCIA (*correndo a ele e abraçando-o*)

Meu querido César!... Como te demoraste!...

CÉSAR

O meu serviço no quartel é uma prisão... E seu marido, esse "trouxa", que não nos deixa gozar livremente os nossos amores!...
(*Fardado de policial, com divisas de cabo*)

LUCRÉCIA

Saiu. Foi jogar ali no bilhar da esquina.

CÉSAR

Não está lá, porque de lá venho eu. Quem sabe se o bruto já desconfiou?

LUCRÉCIA

Não sei. É verdade que há pouco notei-lhe...

CÉSAR

O que foi que lhe notaste?

LUCRÉCIA

Uns modos muito esquisitos.

CÉSAR

Então o melhor é safar-me. Não vá ele estar por aí a espiar-nos.

LUCRÉCIA

César, que amores sobressaltados os nossos!... Ai! se o Fernando morresse!...

CÉSAR

Era uma pechincha! Como nós seríamos felizes! Com que alegria eu deporia a teus pés estas divisas de cabo de polícia, dizendo: – "Estas divisas, que conquistei fazendo faxina e rondas, montando guardas e metendo gatunos no xilindró, são tuas, pertencem-te; faz delas o que quiseres!"

LUCRÉCIA

Fernando é um trambolho que deve desaparecer.

CÉSAR

Mas enquanto não lhe damos destino, vou ver se está realmente no bilhar. É uma medida de segurança.

LUCRÉCIA

Pois vai, meu querido; mas não te demores, sim?... Enquanto te espero, vou ferver água para o café.

CÉSAR

Até já. *(Sai pelo fundo. Lucrécia sai pela esquerda. Cena deserta um momento)*

CENA VII

A CARTA FATAL!

FERNANDO *(da esquerda, com um papel na mão. Amarelo, trêmulo, arrepiado e coberto de cal e teias de aranha. Declamação trágica)*

Ah! Mulher infame! Mulher sem coração! Mulher sem alma! Mulher sem fígado! Mulher sem bofe!... Estão justificadas as minhas suspeitas! Enganar-me com um cabo de polícia!... Desonrado... apontado ao dedo com um... um coisa!... Ah! mas esta traição

indigna merece uma punição estrondosa!... Vou matá-la... que me importa a cadeia?... Ao menos, no fundo negro de um cárcere terei para consolar-me das minhas agonias a doce lembrança de que pus em gravetos uma infiel!... Mulher desleal! Mulher indigna... soou a tua última hora!... (*Chamando*) Lucrécia! Lucrécia! (*Descendo*) Uma Lucrécia fim de século... como o cometa do doutor Falb!... (*Mete as mãos nos bolsos e começa a passear, gesticulando nervosamente*)

CENA VIII

ENVENENADA!

Fernando, Lucrécia.

LUCRÉCIA (*da esquerda, muito alegre*)

Já de volta? (*Reconhecendo o marido, à parte*) Jesus! Pensei que era o César! Que entalação!

FERNANDO (*à parte*)

Encalistrrou... Aqui há coisa. (*Alto, com voz surda*) Já de volta, sim.

LUCRÉCIA

Mas com que cara me dizes isso!

FERNANDO

Deixe a minha cara. A minha cara não é da sua conta. Ouça-me, e resigne-se à sua sorte!

LUCRÉCIA

Estás dramático hoje. Olha que eu gosto de ver cenas no teatro, mas não cá em casa. Fica sabendo.

FERNANDO

Pois é justamente uma cena de teatro que a senhora vai ver e representar ao mesmo tempo!

LUCRÉCIA

Estás tolo!

FERNANDO (*com explosão, pondo-lhe o papel diante dos olhos*)
Conhece esta carta, senhora?

LUCRÉCIA (*recuando*)
Esta carta!... (*À parte*) Meu Deus! Como foi ele descobri-la debaixo da tampa do... coisa!

FERNANDO
Responda, senhora... Conhece?

LUCRÉCIA (*a tremer, com voz de choro*)
Eu... eu...

FERNANDO
Ouça o que diz esta carta infame!

LUCRÉCIA (*suplicante*)
Fernando!...

FERNANDO (*gritando*)
Silêncio! (*Lê*) "Adorada Lucrecia." (*Trágico*) Adorada Lucrecia! Infâmia!... Pouca vergonha. (*Lê*) "Adorada Lucrecia. Ontem estive impedido no quartel, e não pude ir ver-te; mas hoje não te esqueças do sinal, quando o malandro do teu marido sair". (*Trágico*) Malandro! Malandro é ele, cachorro! (*Lê*) "Estou no bilhar da esquina. Teu do coração. César Gralha, cabo da primeira." (*Amarrota a carta e atira-a à cara de Lucrecia*) O que me diz a isto, senhora?...

LUCRÉCIA (*chorando alto*)
Mas, Fernando...

FERNANDO
Aqui não há Fernando, nem Fernandinho, nem Fernandão! Há um tigre sedento de sangue, uma pantera famulenta, um leão raivoso dos desertos da África, farejando a vingança, como o cão fareja o gato que mia no telhado!...

LUCRÉCIA (*à parte*)
Como ele está danado!

FERNANDO
Encomende-se a Deus, porque soou para si a trombeta do juízo final!

LUCRÉCIA (*tapando o rosto, a tremer*)
Jesus!

FERNANDO
Vamos! Ajoelhe-se!

LUCRÉCIA
Perdão, Fernandinho!... Eu prometo não fazer outra e mandar o César passear!

FERNANDO
Para a senhora não há perdão, não há piedade, não há compaixão, não há misericórdia! Há o diabo, porque vou fazer o diabo! Ajoelhe-se!

LUCRÉCIA
Fernando!

FERNANDO (*obrigando-a*)
Ajoelhe-se! Já disse!

LUCRÉCIA (*caindo de joelhos*)
Meu Deus!

FERNANDO (*tirando um embrulho do bolso*)
Engula isto, senhora!

LUCRÉCIA
O que é isso?

FERNANDO
É estriçnina!

LUCRÉCIA
Estriçnina! Misericórdia! O veneno com que matam os cachorros, de manhã, no mercado!... Socorro! Socorro!

FERNANDO
Engula!

LUCRÉCIA
Não engulo! Eu nunca engoli isto!

FERNANDO
Ah! não quer engolir por bem, engolirá por mal! (*Aperta-lhe a garganta*)

LUCRÉCIA (*fazendo caretas*)
Ham! ham! ham!

FERNANDO (*depois de despejar-lhe na boca o conteúdo do embrulho*)
Engoliu! A senhora há de engolir o que eu quiser! (*Mostrando o papel do embrulho*) Pronto! Neste mundo engole-se tudo e a senhora não é mais pintada do que as outras que têm engolido também!

LUCRÉCIA (*levantando-se, a fazer contrações*)
Meu Deus! Socorro!... Vou morrer!... (*Sai pela esquerda. Ouve-se o baque de um corpo e um grito*)

CENA IX

NINGUÉM ESCAPARÁ!

FERNANDO
Está morta! Enganava-me: matei-a! E hei de matar todos que queiram tomar-me o caminho! (*Olhando para a esquerda*) Lá está estendida no chão, sem movimento, hirta, com os olhos vidrados!

Ah! aquela Lucrecia não era a Lucrecia filha do Salomão Batata! Era a Lucrecia filha de Alexandre VI.

CENA X
SUFOCADO!

Fernando, Aguadeiro.

AGUADEIRO (*ao fundo, com um barril à cabeça*)

Aqui está a água, patrão.

FERNANDO (*à parte*)

Ah! o desgraçado vai ver o cadáver! É preciso que também morra para não descobrir o meu segredo!...

AGUADEIRO

Oh! patrão, aqui está a água.

FERNANDO

Vá despejá-la no pote.

AGUADEIRO

Cá vou. (*Encaminha-se para a esquerda*)

FERNANDO (*à parte*)

Acabemos com isto! (*Corre a ele, por trás, e aperta-lhe o pescoço com as duas mãos. – O Aguadeiro estorce-se. – O barril cai para dentro da porta. – Luta entre os dois. – O Aguadeiro, afinal, cai para dentro da porta*) – Estás morto! Levas contigo meu segredo, e os cadáveres não falam! Tiremo-lo daqui. (*Sai pela esquerda*)

CENA XI
ELE!

CÉSAR (*entrando pelo fundo*)

O tipo não estava no bilhar, e voltei para tornar a ver a minha adorada Lucrecia... Como eu a amo! Todas as noites, no quartel, deitado nas tábuas duras da tarimba, mordido pelos percevejos, devorado pelas pulgas, sonho com a Lucrecia... penso vê-la me abraçando, dizendo mil palavras de amor!... Mas, de repente, acordo-me em sobressalto, nervoso, tremendo, com medo do marido! (*Subindo*) Mas onde estará ela?... Ah! deve estar fazendo o café. Vamos à cozinha. (*Vai sair pela esquerda*)

CENA XII

O TIRO!

César, Fernando.

FERNANDO (*da esquerda, recuando*)

Ah! o amante!

CÉSAR (*recuando, ao mesmo tempo*)

Ah! o marido!

FERNANDO

O que vem fazer aqui, senhor?

CÉSAR (*com medo*)

Entrei por engano; mas já me retiro...

FERNANDO (*segurando-o pela gola*)

Não! não entrou por engano! O senhor é um canalha!... Vinha vê-la, pensando que eu não estava em casa! Pois bem, senhor... vai vê-la pela última vez!

CÉSAR (*tremendo*)

Mas, senhor... (*À parte*) Ah! se eu tivesse trazido o meu chanfalho...

FERNANDO

Nem uma palavra! (*Leva-o à porta da esquerda*) Veja a sua obra, senhor! Ali a tem, morta pela estricnina, o tempero com que se apimentam as bolas para os cachorros!

CÉSAR (*recuando e tapando os olhos*)
Horror! Horror! Assassino! (*Quer fugir*)

FERNANDO (*tomando a porta do fundo e engatilhando uma pistola que tira do bolso*)
Nem mais um passo, ou morres como um gato!

CÉSAR (*recuando*)
Perdão, senhor! Perdão!

FERNANDO
Sim, miserável, canalha, bilontra! Vais morrer como um gato! (*Dá o tiro*)

CÉSAR (*caindo*)
Ah! socorro! socorro!...

FERNANDO
Mais um cadáver! Vamos pô-lo ao lado dos outros! Aquilo já não é um corredor: é um cemitério! (*Sai pela esquerda, arrastando César*)

CENA XIII A SOGRA!

GERTRUDES (*do fundo*)
Oh! menina! Oh! Lucrecia! (*Reparando*) Como! Não há ninguém em casa! Mas então saíram, deixando a porta aberta! É célebre! (*Pausa*) Talvez estejam lá para dentro, fazendo alguma coisa... Não os incomodemos... Eu também, logo que me casei com o Salomão, tinha tanto em que cuidar, que andava sempre numa roda-viva!

CENA XIV
AS PUNHALADAS!
Gertrudes, Fernando.

FERNANDO (*vai entrar, e recua. À parte*)
Minha sogra!

GERTRUDES
Boa noite, meu genro. Como vai isso?

FERNANDO
Chegou fora de propósito, minha sogra. Não devia ter vindo cá hoje.

GERTRUDES
Por quê?

FERNANDO
Mas a fatalidade assim o quis, e ninguém foge à fatalidade. Foi a fatalidade que a trouxe.

GERTRUDES
Não entendo.

FERNANDO
Entendo-me eu, e é quanto basta!

GERTRUDES
Mas onde está a Lucrecia?

FERNANDO (*pulando*)
A Lucrecia!

GERTRUDES
Sim, minha filha. Pois então!

FERNANDO
Não me fale nela! Não me fale nela!

GERTRUDES

Por quê?

FERNANDO

Porque perco a cabeça! Porque só vejo sangue! Porque tenho gana de matar a todos.

GERTRUDES

Oh! meu genro, você está maluco? (*À parte*) Ora, querem ver que o canalha meteu-se na chuva!

FERNANDO

Compreendo o seu pensamento; mas estou no meu juízo perfeito.

GERTRUDES

E então?

FERNANDO

Então... sua filha está morta!

GERTRUDES

Morta! A minha Lucrecia morta!

FERNANDO

Sim! Matei-a, como os fiscais da câmara municipal matam os cães! Matei-a com estricnina! Um fiscal que mata um cão, comete um "canicídio"; um homem que mata outro, comete um homicídio; um pai que mata um filho, comete um "filhicidio"; um filho que mata a mãe, comete um "matricídio"; um rapaz que mata um gato, comete um "gaticídio"; eu, que matei uma Lucrecia, cometi um "lucrecicidio"!...

GERTRUDES

Oh! meu Deus! O senhor está brincando... Isso é impossível!

FERNANDO

Impossível! (*Leva-a à porta da esquerda*) Veja!

GERTRUDES (*desorientada*)

Um! dois! três! Três defuntos!... Assassino!... Quem acode! Quem acode!...

FERNANDO (*segurando-a*)

Silêncio! Eu bem lhe disse que foi a fatalidade que a trouxe hoje cá. Compreende a importância do segredo que acaba de descobrir?

GERTRUDES (*forcejando para fugir*)

Ai! ai! Largue-me! Largue-me!...

FERNANDO

É um segredo terrível... um segredo que só o túmulo pode guardar!... Ajoelhe-se e reze, porque também vai morrer! Vou matá-la sobre o cadáver de sua filha, daquela segunda edição da Lucrecia Bórgia! O mundo há de aplaudir-me, porque liquidarei mais uma sogra!...

GERTRUDES

Socorro! Socorro!

FERNANDO (*tirando um punhal da cava do colete*)

Vamos! Não me faça esperar!

GERTRUDES

Perdão, meu genro! Eu não digo nada, mas não me mate!

FERNANDO

Que não a mate! Quer então que a deixe viver para denunciar-me! O tempo dos tolos já passou! Vou matá-la, sim! Vou cometer um "sogricídio"! (*Sai levando-a pela esquerda, levando-a segura pela ponta do nariz*)

GERTRUDES (*fora*)

Jesus! Não me mate! Não me mate!

FERNANDO (*fora*)

Silêncio! Primeira punhalada – na barriga!

GERTRUDES (*fora, com um grande grito*)

Ai!

FERNANDO (*fora*)

Segunda punhalada – nas costas!

GERTRUDES (*fora, com um grito mais fraco*)

Ai!

FERNANDO

Terceira punhalada – no coração!

(*Ouve-se o baque de um corpo*)

GERTRUDES (*com voz quase extinta*)

Ai! quem me acode!

(*Momento de silêncio. Estampido de dois tiros de pistola. Ouve-se um cão ganir e um gato miar fortemente*)

CENA XV O INFANTICÍDIO!

FERNANDO (*da esquerda, com uma criança nos braços*)

Matei também o gato e o buca! É preciso que morras tu também, pobre criança, porque, em vista dos autos, eu não sei o que te diga! Morre, morre, infeliz rebento da árvore do Salomão Batata, da Lucrécia Batata, e de outras batatas que não conheço, e vai fazer companhia à tua mãe! Estes horrorosos sucessos provam que as melhores batatas são as inglesas, mas que essas mesmas dão muitas vezes dores de barriga... (*Esgaçando a criança*) Adeus, Batatinha! Até a eternidade! (*Sai pela esquerda*)

CENA XVI

O SOGRO!

SALOMÃO (*entrando pelo fundo*)

Mas onde se meteria a Gertrudes?... Entro em casa para tomar café, e tomo o dissabor de encontrar a casa deserta! E isto me aborrece seriamente. A Gertrudes, no seu tempo, foi ventana, e é capaz de andar por aí fazendo das suas... Na cidade há tantas casas de tirar sortes!...

CENA XVII

O ENFORCADO!

Salomão, Fernando.

FERNANDO (*da esquerda, recuando, à parte*)

Meu sogro! Horror! Mais uma vítima... mais um "sogricídio"!

SALOMÃO

Olá, meu genro, como vai essa bizzarria?

FERNANDO

Esta bizzarria vai mal. Obrigado. (*À parte*) Deste pobre diabo é que eu tenho pena... mas não há remédio!

SALOMÃO

Mal? Por quê?... Em que tom me diz isso!

FERNANDO

Meu sogro, acho bom que se raspe quanto antes. A sua presença aqui pode dar lugar a mais uma desgraça! Saia! Saia!

SALOMÃO

Mas sair, por quê? Oh! criatura, você está doido ou na pinga?

FERNANDO

Na pinga... na chuva... bêbado... no pifão... antes estivesse!

SALOMÃO

Mas o que é que há? Que atitudes tão trágicas são essas, não me dirá?

FERNANDO

Senhor meu sogro, a situação assim o exige. Saia! Saia!

SALOMÃO

Ora, bolas! Não saio!

FERNANDO

Saia, senhor! Saia!

SALOMÃO

Mas, com mil diabos! Explique-se, se quer que o entenda! É boa! Venho ver se a Gertrudes está aqui, e...

FERNANDO (*furioso*)

A Gertrudes! Horror! Horror!

SALOMÃO (*à parte*)

Está num pifão "onça", coitadinho!

FERNANDO

A Gertrudes! Quer ver onde está a Gertrudes?

SALOMÃO

Atrás dela ando eu.

FERNANDO

Vai vê-la mas pela última vez!...

SALOMÃO

Como é lá isso?... (*À parte*) E não é que eu estou ficando com medo!

FERNANDO (*levando-o à porta da esquerda*)
Venha vê-la. Olhe!...

SALOMÃO (*tapando o rosto*)
Misericórdia! Sete cadáveres... inclusive o bichano e o bucica!...
(*Descendo, furioso*) Vou denunciá-lo à polícia! Há de ser enforcado!

FERNANDO (*laçando-lhe o pescoço com uma corda, que tira do bolso*)
Não terás tempo! Vais morrer também! (*Arrasta-o para a esquerda*)

SALOMÃO (*sufocado, a forcejar*)
Ham! ham!

FERNANDO
Hás de morrer, desgraçado! Ao menos dou-te uma boa morte,
porque dizem que os enforcados morrem com sensações deliciosas!

SALOMÃO (*já à porta esquerda*)
Ham! Ham!

FERNANDO
Vá mais este fazer companhia aos outros!... (*Sai arrastando Salomão, e volta logo*) Oito defuntos... com o cachorro e o gato! Oito assassinatos!... Oito crimes horrorosos!... Como poderei eu viver, perseguido pelo remorso, atormentado pelas sombras das minhas vítimas! Oh! não! não!... Prefiro morrer também!... (*Apunhala-se e cai*)

CENA XVIII A NAVALHADA!

CONTRARREGRA (*em mangas de camisa, com um livro na mão direita, uma vela acesa na esquerda, e um apito pendurado no pescoço*)
E esta! E assim compromete-se um pobre contrarregra, que está cumprindo o seu dever! Pois o danado não trocou a deixa! (*Vendo o corpo*) Jesus! Com o peito furado! Pois o patife não se matou às

deveras!... Que se matasse no fim, como está no drama, vá lá; mas antes do tempo, para comprometer o efeito da peça!... (*Vai sair pela esquerda, e recua*) Misericórdia! Que mortandade!... Se me pegam no meio de tanto defunto, enforcam-me como assassino! Fugamos, fugamos! (*Vai sair pelo fundo. Rumor dentro. Voltando*) É já a polícia, sem dúvida!... Ah! só um recurso me resta: é morrer também! Meu Deus! Tem compaixão da minha alma! (*Apunhala-se com a vela e cai*)

CENA XIX

A CABEÇADA FATAL!

AUTOR (*sem ver os corpos*)

Mas que silêncio!... Onde está esta gente?... (*Ao público*) Autor dramático, escrevo uma peça sensacional, confio-a a meia dúzia de pataqueiros, e enterram-me a coisada!... Isto não se suporta!... Nem uma palma, nem um bravo!... Pois olhem que já tenho visto representar outros dramalhões no mesmo gosto, e o público desmancha-se em aplausos! (*Vendo os corpos*) Como! O que é isto?... Dois defuntos! (*Vai sair pela esquerda, e recua*) Ah! sete cadáveres em penca!... E se a polícia me encontra agora aqui?... O cárcere por toda a vida, quando estou inocente como uma virgem! O que fazer?... Devo morrer também... Mas não tenho nem um canivete comigo... Ah! parto a cabeça em uma parede, e está tudo acabado! Antes isto, do que ser pendurado em uma forca! (*Dá com a cabeça na parede e cai*)

CENA XX

APOPLEXIA!

PONTO (*saindo da concha, com um livro debaixo do braço. Em mangas de camisa e de chinelos*)

Ah! a coisa é esta! Não há mais ninguém para morrer?... Pois morro eu de uma apoplexia fulminante! Mas antes de dar a alma a Deus, tenho de dizer duas palavrinhas. (*Ao público*) Meus senhores a peça que acaba de representar-se não é mais do que a reprodução dos dramalhões tenebrosos de certos autores sanguinários, tão

apreciados e tão aplaudidos por muita gente que diz que o drama não presta, quando não tem, pelo menos, dez envenenamentos, vinte adultérios, trinta punhaladas e quarenta tiros de revólver. Os senhores, para serem coerentes com as suas próprias opiniões sobre o assunto, não devem deixar de aplaudir uma peça como esta, em que nem o próprio autor escapa. Vamos lá: quero morrer, ouvindo as pipocas das palmas! (*Deita-se*) Podem aplaudir... que já estou morto! (*Pausa. Sentando-se*) Ah! não aplaudem?... Pois declaro-lhes que não lhes dou o gostinho de morrer, e que vou mandar descer o pano sem a surpresa final! (*Gritando, sempre sentado*) Desça o pano!

CENA XXI

RESSURREIÇÃO!

Todos os personagens.

TODOS (*entrando uns e levantando-se outros*)

Não desça ainda! Não desça ainda!

FERNANDO (*profundamente admirado*)

Como!... Pois ressuscitaram todos?...

AUTOR

Como sucede em muitos dramas em que os sujeitos morrem num ato e aparecem de saúde perfeita no outro sem darem satisfações ao respeitável público. Mas fique descansado que o César não o incomodará mais. Foi um ajuste que fez com a Lucrecia no outro mundo, e um ajuste entre defuntos é sagrado.

FERNANDO

Então, oh! Lucrecia, filha do Salomão Batata!...

SALOMÃO (*à parte*)

O diabo que o jure! A Gertrudes era tão ventana!...

GERTRUDES (*requebrando-se*)

Oh! Salomão, parece quando a gente ressuscita torna a ficar moça!...
Eu sinto o sangue correr-me nas veias como se fosse azougue!...

SALOMÃO (*empertigando-se*)

E eu sinto o meu sangue transformado em chumbo derretido!
Gertrudes, vamo-nos embora!

FERNANDO (*à Lucrecia*)

Venha de lá um abraço, e solenizemos a nossa ressurreição com um
maxixe de obrigar o respeitável público a cair também na coisa!
Vamos lá!

*(Todos, formando duas alas, cantam o coro final; caindo num maxixe
danado no intervalo de cada estrofe)*

CORO FINAL

Nesta troça que aí fica,
sem sabor de assuntos vários,
tão somente se critica
os dramalhões "sanguinários!"

Do teatro devem logo,
por sedições e ordinários,
ser expulsos mesmo a fogo,
os dramalhões "sanguinários!"

Viva o drama realista,
que com seus encantos vários,
mata, em lúcida conquista,
os dramalhões "sanguinários!"



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com